

Ruy Belo

*Transporte no Tempo*, 1973

SAUDAÇÃO A UM YANKEE

A perna americana que decerto sem consentimento teu deixaste  
em território vietnamita e tão visivelmente dificulta agora  
não já a tua condição itinerante neste mundo  
mas apenas talvez estar melhor de pé caminhar pela rua  
afirmar vertical teu tronco como simples árvore  
a tua perna ó homem com quem nunca  
falei mais que através de rápidos e talvez rípidos olhares  
que ao passar por acaso com os teus troquei talvez  
a perna que te falta e te levanta agora  
problemas tão miudamente diminutos como teres de prender  
com um alfinete-de-ama meia perna da perna  
das calças antes cheia pela tua perna viva  
a tua perna morta não termina já na bota  
no símbolo brutal desse poder nos dólares dissimulado  
e muitas vezes muito longe assegurado apenas  
para cobrar apenas na precária vida de um instável asiático  
o preço de um charuto sonhador fumado num escritório em nova york  
Não sou nem quero ser para já até ver  
(e muito já eu vi) nem um herói nem um cruzado  
talvez condecorado a título póstumo  
com condecoração talvez mero brinquedo para a mão  
irrequieta do herdeiro que a receba num dos tantos  
dias da raça quantos os estados existentes  
Limito-me a estar vivo a enfrentar os dias  
onde as mitologias mais brilhantes esmorecem  
Sou este simples homem olho e envelheço  
mas tenho duas pernas que mais sinto até quando me doem  
e sei que as tenho e sei que são exactamente duas porque  
acabo mesmo agora (é hora de deitar) de as contar  
e peço-te perdão por tê-las meu amigo  
e por afirmar nelas a circulação do sangue  
e o sangue ser a simples pulsação da vida ó meu amigo  
que o és só porque às vezes cruzas o olhar comigo

## SALUTATIONS TO A YANKEE

The american leg you surely left behind without your consent  
on vietnamese territory and now so visibly encumbers  
not your itinerant condition in this world any longer  
but maybe just your standing better walking down the street  
affirming your trunk vertically like a simple tree  
your leg o man with whom i've never  
spoken except with quick and maybe stern glances  
which in passing by chance i maybe with yours exchanged  
the leg you're missing and which now raises  
such minutely diminutive questions like your having to attach  
with a safety-pin half a leg of the leg  
of your pants once filled with your living leg  
your dead leg no longer ends in your boot  
in the brutal symbol of that power disguised in dollars  
and very frequently very distant sustained solely  
to charge solely upon the precarious life of an unstable asian  
the price of a dreamy cigar smoked in an office in new york  
I'm not and don't want to be for now as far as i can see  
(and i've seen a great deal) either a hero or a crusader  
maybe posthumously decorated  
with decoration maybe afterwards a mere toy for the restless  
hand of the heir who might receive it on one of the many  
days commemorating race as many as there are states  
I do nothing but be alive bearing up to the days  
where the most brilliant mythologies grow dim  
I am this simple man i observe and grow old  
but i have two legs which i feel the most even when they hurt  
and know i have them and know they're exactly two because  
i've just now (it's bedtime) counted them  
and i ask your forgiveness for having them my friend  
and for affirming in them the circulation of blood  
and for blood being the simple pulsation of life o my friend  
which you are only because your eyes run into me now and then

*Trad. de Paula Ramalho Almeida*